

PREVALÊNCIA DE COLECISTECTOMIA EM UMA COORTE DE DOENÇA FALCIFORME

ILD Santos^a, JLM Machado^b, JC Almeida^c,
MB Thomaz^c, LANS Fonseca^b,
DOW Rodrigues^c

^a Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, Brasil

^b Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

^c Fundação Hemominas (FH), Juiz de Fora, MG, Brasil

Objetivo: Identificar a prevalência de colecistectomia em Doença Falciforme (DF). **Materiais e métodos:** Estudo retrospectivo realizado no período de novembro de 2022 a março de 2023 com coleta de dados em prontuários de pacientes cadastrados na Fundação Hemominas sabidamente portadores de DF já recrutados em uma coorte. As variáveis analisadas foram sexo, idade, tipo de DF, suporte transfusional, uso de hidroxiuréia e história de colecistectomia. **Resultados:** O estudo incluiu 50 indivíduos, em relação ao sexo 33 eram do sexo feminino (66%) e 17 eram homens, a média de idade foi de 8,98 anos, com idade mínima de 3 anos e máxima de 27. Quanto ao tipo de DF, 32 pacientes eram portadores do tipo HbSS, 13 HbSC e 5 HbSBeta-talassemia, na análise quanto ao suporte transfusional foi verificado que 27 pacientes eram politransfundidos (mais de 5 transfusões) e 9 encontravam-se em regime de transfusão crônica devido acidente vascular cerebral. O uso de hidroxiuréia foi de 44% na população estudada. A prevalência de colecistectomia foi de 12%, sendo que 5 ocorreram entre 2009 e 2018, e um paciente que não possuía registro da data da cirurgia. Dos pacientes colecistectomizados, 4 eram do sexo masculino, 5 tinham DF do tipo HbSS e 1 do tipo HbSC. Todos foram submetidos ao procedimento tipo videolaparoscopia antes dos 21 anos de idade. Na coorte avaliada, 8% (4 pacientes) apresentavam doença litíase sem procedimento cirúrgico efetivado. **Discussão:** O estudo identificou uma alta prevalência de colelitíase, litíase biliar e colecistectomia entre os pacientes. A DF predispõe a fatores para a gênese de cálculos biliares, tais como elevação dos níveis de colesterol na bile, hiperbilirrubinemia e hemólise crônica. A transfusão crônica pode aumentar o risco de colelitíase devido a lise acelerada eritrocitária determinando a liberação de bilirrubina e outros componentes formadores de cálculos. No nosso estudo foi observada associação entre a prevalência de colecistectomia e o sexo masculino e a DF do tipo HbSS. **Conclusão:** Houve alta prevalência de doença biliar tipo litíase entre os pacientes com DF. O protocolo de identificação precoce de cálculos biliares através de avaliação ultrassonográfica abdominal periódica permitirá a indicação adequada da colecistectomia, evitando complicações como colangite e sepse.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1881>

COINFECÇÃO EM PACIENTES DOADORES DE SANGUE DO ESTADO DE SERGIPE NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

FJ Gois^a, HSR Ribeiro^a, FS Santos^a,
ABL Aragão^a, BBO Falheiros^a, RS Silva^a,
MFS Menezes^a, MLA Cruz^a, MDS Silva^b,
MAF Porto^{a,b}

^a Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju, SE, Brasil

^b Centro de Hemoterapia de Sergipe (HEMOSE), Aracaju, SE, Brasil

Objetivo: Analisar a prevalência e os padrões de coinfeção em doadores de sangue do estado de Sergipe, para aprimorar as práticas de triagem e promover a segurança transfusional na região. **Materiais e métodos:** Trata-se de uma pesquisa transversal descritiva, referente aos anos de 2019 a 2023 com dados coletados no HEMOSE. A análise consistiu na quantificação das infecções relacionadas à Sífilis, HIV, Hepatite B, Hepatite C, Chagas e HTLV e a triagem dos dados para verificar quais apresentavam coinfeção. **Resultados:** No período analisado tivemos 124.344 doações de sangue, dentre estas doações, 759 apresentaram alguma sorologia positiva, e destas amostras positivas 4,7% (365) tinham algum tipo de coinfeção. O ano de 2019 apresentou taxa de 0,83% (215), sendo o ano com a maior taxa de coinfeção, 2020 teve uma taxa de coinfeção de 0,2%, 2021 teve de 0,15%, 2022 teve de 0,14% e 2023 teve de 0,11%. O ano de 2023 teve o maior número de doações (27.528) e menor taxa de coinfeções. As três coinfeções mais prevalentes no período foram Hepatite B+Sífilis (44,9%) com 164 dos casos de coinfeções, seguido da Hepatite B+HIV com 33 casos (9%) e Sífilis+HIV com 20 casos (5,5%). Foram relatadas 48 triplas coinfeções, ocorrendo 89,5% no ano de 2019, sendo a mais prevalente Hepatite B +Sífilis+HIV com 18 casos (4,9% das coinfeções). A média de idade dos doadores com coinfeção foi de 39,5 anos e o sexo masculino representou 60,2% (220) dos resultados e o sexo feminino 39,8% (145). A coinfeção Hepatite B+Sífilis, a mais prevalente, obteve a maior média de idade que foi de 44 anos. **Discussão:** A maior prevalência de coinfeção foi observada na população masculina, o que também foi visto em outros estudos da temática, como Junior & Crispim (2023). Isso pode estar relacionado ao fato de 67,25% dos nossos doadores serem do sexo masculino, pelo maior uso de drogas injetáveis, promiscuidade e relações desprotegidas nesta população. Quando a prevalência ao longo do tempo nota-se uma redução na taxa de coinfeções, o que pode revelar um maior cuidado no processo de triagem e da população quanto a presença de doenças infecciosas. Já quanto aos tipos de coinfeções, há poucos estudos que retratam esse cenário de doação, no entanto, os resultados obtidos mostram-se semelhantes com dados de infecção presente em outros trabalhos que se avaliaram uma única infecção, como o estudo de Teles et. al. (2022). **Conclusão:** A coinfeção mais recorrente foi

hepatite B e sífilis e o ano de 2019 foi o com maior prevalência com redução ao longo dos anos. Diante disso, mesmo havendo uma redução da taxa de coinfeções, compreende-se a importância de continuar com as práticas de campanha e triagem rigorosas para assegurar a segurança das transfusões sanguíneas no estado.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1882>

COOCORRÊNCIA DE HEMOGLOBINOPATIA C E ALFA-TALASSEMIA: UM RELATO DE CASO

MPB Mendonça, FC Amendola, PG Lorente, V Rocha, FM Nogueira

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução: Hemoglobina C (HbC) é uma variante anômala da Hemoglobina A selvagem, devido à uma mutação no gene que codifica a cadeia da beta-globina. A Alfa-talassemia, por sua vez, é uma condição advinda da mutação do gene da cadeia da alfa-globina levando a uma menor expressão da mesma. No caso em questão, descrevemos um portador sintomático de HbC em homozigose associado à alfa-talassemia. **Relato de caso:** Paciente masculino, negro, 23 anos, foi encaminhado ao ambulatório da Liga de Hematologia, Hemoterapia e Terapia Celular do HCFMUSP com diagnóstico hemoglobinopatia C com queixa de dor em região de hipocôndrio esquerdo. Ao exame físico havia esplenomegalia com baço a 3cm do rebordo costal esquerdo (conferir esse dado, acho que era isso). Exames laboratoriais mostravam hemoglobina normal (Hb: 12,4g/dL), com microcitose (VCM 69,8fl) e reticulócitos aumentados (2,71%), além de policromasia, poiquilocitose, drepanócitos, hemácias em alvo e cristais de hemoglobina C, além de queda de haptoglobina e aumento de bilirrubina indireta. O perfil de ferro era normaleletoforese de hemoglobina mostrava HbA 0,4%, HbA2 3,4%, HbF 2,8%, HbC 93,4%. Paciente trouxe resultado da eletroforese da filha de 1,5 anos, demonstrando HbA 66,9%, HbA2 3,2%, HbF 0,9%, HbC 29,0%. Considerando o padrão de herança das hemoglobinopatias, foi levantada a hipótese diagnóstica para paciente de HbC em homozigose, associada à alfa-talassemia. Foi pedido o teste genético, que ainda está em andamento. **Discussão:** Tanto a HbC quanto a alfa-talassemia são condições acarretadas por mutações em genes de cadeias de globina, ambas podendo ter formas subclínicas ou manifestações sintomáticas. A HbC é resultado da mutação de um ou dos dois loci da beta-globina. As manifestações clínicas normalmente ocorrem quando há homozigose ou heterozigose composta, geralmente com anemia hemolítica leve e esplenomegalia. A alfa-talassemia é fruto da mutação de um a quatro dos locis codificadores da alfa globina, localizados no cromossomo 16. A gravidade de sua manifestação depende do padrão da mutação e do número de loci afetados. O quadro clínico pode variar desde anemia leve até o quadro mais severo, a hidropsia fetal. A coocorrência de ambas condições é uma situação bastante rara, ainda pouco descrita na literatura, e seu diagnóstico é marcado pela presença de hemoglobina C como

forma predominante na eletroforese de hemoglobina e microcitose. No caso em questão, o diagnóstico foi suspeitado pelo “gap” entre valores de HbA e HbC na eletroforese da filha, situação característica da associação de mutação no gene da beta globina associada a alfa talassemia. **Conclusão:** Por mais que seja uma condição rara, a coocorrência de HbC e alfa-talassemia é um diagnóstico possível. A solicitação de teste genético para a confirmação da condição é recomendável.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1883>

UMA REVISÃO LITERÁRIA SOBRE O USO DA HIDROXIUREIA NA DOENÇA FALCIFORME: SEUS BENEFÍCIOS E O PROBLEMA DA ADESÃO

JS Asato, M Brito, FSR Maioli, LM Brocardo, GA Patente, LD Payaro, AP Graça

Centro Universitário São Camilo (CUSC), São Paulo, SP, Brasil

Objetivos: A doença falciforme (DF) é a patologia genética e hereditária mais prevalente no mundo. Caracterizada pela presença da hemoglobina anormal S, a qual em situações de baixa concentração de oxigênio, se polimeriza, com consequentes crises hemolíticas, fenômenos vaso-oclusivos, dor intensa, além de complicações crônicas. A medicação hidroxiureia, aprovada como terapia na DF, no Brasil desde 2002, tem comprovadamente impacto na qualidade e expectativa de vida desses pacientes. Entretanto, segundo dados do Ministério da Saúde, menos de 20% dos pacientes brasileiros usufruem dessa medicação. Este trabalho visa pontuar os benefícios da terapia com hidroxiureia para portadores de DF e identificar os fatores que levam a baixa adesão ao tratamento, a partir de uma revisão literária, almejando reafirmar e conscientizar a importância dessa medicação. **Material e métodos:** Trata-se de uma revisão literária, que usou as bases de dados PubMed e BVS (Biblioteca Virtual de Saúde), com análise de 36 estudos, observacionais e ensaios clínicos, publicados nos últimos 10 anos. **Resultados:** Dos 36 textos analisados, todos relataram melhoras nos sintomas da DF com o uso da hidroxiureia, tais como menos quadros de internações e de sangramentos. Além disso, alguns trabalhos que analisaram os hemogramas dos pacientes antes e após o uso do medicamento, verificaram um aumento nos níveis de hemoglobina basal, de hemoglobina fetal e no volume corpuscular médio com apenas 3 meses de uso da hidroxiureia. Contudo, alguns artigos mostraram que muitos portadores de DF ainda não utilizam a medicação por não conhecê-la ou por medo de seus efeitos colaterais, ademais, médicos generalistas e médicos da família se mostraram despreparados para prescrever tal medicação, não oferecendo-a como opção terapêutica. **Discussão:** A hidroxiureia demonstrou ser capaz de melhorar os parâmetros do hemograma, de reduzir crises vaso-oclusivas, de prevenir acidentes vasculares encefálicos e de trazer benefícios para os rins, estruturas que são muito acometidas pela anemia crônica. No entanto, existem desafios que afetam a adesão, como a falta de informação, tanto dos pacientes, quanto dos profissionais de saúde e a preocupação com efeitos colaterais, sendo esta apontada como o